

EDITORIAL: HOMENAGEM A JOÃO A. DE MORAES

BARBOSA, Plínio A.¹

LUCENTE, Luciana²

¹ Universidade Estadual de Campinas

² Universidade Federal de Alagoas

É uma grande alegria para toda a equipe do Journal of Speech Sciences (JoSS) poder oferecer à comunidade científica o primeiro número em homenagem a um pesquisador de nossa área. Que esse número seja dedicado ao eminente foneticista Prof. João A. de Moraes reveste o momento de um prazer adicional motivado não apenas por sua carreira brilhante, mas também por quatro aspectos importantes que ressaltam imediatamente a quem convive com o Prof. Moraes: sua erudição, sua renomada competência científica, sua generosidade e sua bonomia. É muito raro que, no terreno acadêmico-científico, encontremos essas qualidades conjugadas numa única pessoa, mas, nele, elas se dão em harmonia ainda com sotaque carioca bem marcado.

Esta homenagem também se compraz com o jubileu de prata do Laboratório de Fonética Acústica que o Prof. Moraes fundou na UFRJ em 1990 e as dezenas de pessoas que diretamente passaram por esse laboratório, bem como todos os mais de 40 alunos que, sob sua orientação generosa, adquiriram a formação em Fonética. Faz também 20 anos que passou pelo Phonology Laboratory da University of California em Berkeley para o seu segundo Pós-Doutorado, sendo o primeiro anos antes em Paris. Convém mencionar sua formação ampla porque o Prof. Moraes é homem que gosta conhecer novos lugares, fazer amigos, partilhar com um sorriso aberto seu conhecimento e sua alegria.

O Prof. Moraes é Professor Titular do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ e pesquisador colaborador do Laboratoire d'Informatique pour la Mécanique et les Sciences de l'Ingénieur (LIMSI/CNRS) em Orsay, França. Seus numerosos trabalhos abrangem a análise acústica, a prosódia com foco em entoação e relações com atitude, força ilocucionária, pragmática e expressividade em geral. Tudo isso tanto em português brasileiro quanto em outras línguas, através de trabalhos, em grande parte, feitos com colaboradores no Brasil e no Exterior.

Este número é composto de nove artigos de pessoas que receberam, direta ou indiretamente, formação por parte do Prof. Moraes. O primeiro artigo, de Bruno Rocha e Tommaso Raso, *Illocution and attitude: on the complex interaction between prosody and pragmatic parameters*, explora a relação entre ilocução e atitude, definindo atitude como a maneira pela qual a ilocução é realizada. Ao estudar as ilocuições de ordem, instrução, oferta e questão de confirmação associadas com distintas atitudes sem deixar de examinar os parâmetros cognitivos e pragmáticos em jogo, os autores constatarem que se deve controlar experimentalmente os aspectos prosódicos da atitude, pois está sempre presente quando uma ilocução é realizada.

O segundo artigo, de Carolina Gomes da Silva, Luma da Silva Miranda, Manuella Carnaval e Cláudia de Souza Cunha, *A entoação da ordem no Português do Brasil: uma descrição dialetal a partir do corpus ALiB*, examina a realização da ilocução de ordem (comando, em seu termo) nas 25 capitais brasileiras pela análise da curva de F0 de 10 diferentes sentenças. Pela análise dos acentos pré-nucleares e nucleares, concluem que o padrão geral para os primeiros é um contorno ascendente com exceção de João Pessoa (descendente) e Florianópolis (nivelado) e que o padrão geral para os acentos nucleares é um contorno descendente em que o tom baixo se alinha com a tônica, com exceção de Belém e de Florianópolis, que exibem contornos descendentes, mas com tom alto alinhado nas tônicas.

O terceiro artigo, de Carolina Ribeiro Serra, *A interface prosódia-sintaxe e o fraseamento prosódico no Português do Brasil*, traz resultados inéditos de sua tese de doutorado sob orientação do Prof. João Moraes e da Profa. Sônia Frota (FLUL) que avaliam a correlação entre fronteiras de constituintes prosódicos e a produção e percepção de fronteiras

na fala lida e na fala espontânea. Além disso, procura apontar aspectos fonológicos e sintáticos de fronteiras fonológicas percebidas e não percebidas. Nos dois estilos de fala, a autora constata que mais de 90 % das fronteiras percebidas coincidem com margens direitas de sintagmas entoacionais (*intonational phrases*). Por outro lado, considerando todos os sintagmas entoacionais em seu aspecto fonológico, enquanto na fala lida 64 % de duas margens direitas são percebidas como fronteiras prosódicas, apenas 37 % o são na fala espontânea, com grande homogeneidade entre as cinco falantes fluminenses estudadas. Nessas margens, a autora constata que o contorno descendente é o mais comum na fala lida (2/3 dos contornos), enquanto na fala espontânea há contornos ascendentes e descendentes em proporção similar. Sintaticamente, tanto na fala lida quanto espontânea, a frase matriz (S) é a que mais coincide com as fronteiras percebidas (cerca de 60 % dos constituintes sintáticos elencados nos dois estilos de fala).

O quarto artigo, de Maria do Carmo Lourenço-Gomes, *Psycholinguistics is definitely tied up to prosody*, trata do tema da prosódia da leitura silenciosa tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico. Essa área de investigação, iniciada pelo estudo seminal de Janet Fodor, é apresentada juntamente com uma revisão pela autora da literatura desde então, delineando a complexidade do problema e apresentando seu próprio trabalho sobre a posição da oração relativa ao sintagma nominal complexo no português brasileiro. A autora aponta a necessidade de se levar em conta os efeitos prosódicos de diferentes estruturas sintáticas bem como a variação inter-individual que também pode estar relacionada a diferenças de sensibilidade à organização prosódico-fonológica.

O quinto artigo, de Juliana Novo Gomes, Anieli I. França, Marcus Maia e Albert Rilliard, *Prosody as a recursive embedding tool in production and perception of Karajá: an acoustic and neuro-psycholinguistic investigation*, trata de problema da recursividade da gramática humana, recentemente debatida academicamente. Os autores estudam o contraste entre sentenças justapostas e encaixadas em Karajá, uma língua do Brasil Central, que usam a implementação do acento de *pitch* para marcar prosodicamente esse nível de contraste. Para tanto examinaram não apenas dados acústicos de contornos de F0, duração intensidade relativa (IntA) e as frequências dos três primeiros formantes, como também sinais de Eventos de Potencial Evocado (ERP) e sinais de EEG. Os padrões de F0 indicam claramente que o encaixamento é marcado por subidas de F0 ao final das orações em contraposição às descidas no caso da justaposição com efeito de alongamento final marcando as orações encaixadas. Os dados de EEG/ERP corroboram o resultado de que, embora o processamento das encaixadas seja mais difícil para inicializar, o encaixamento tende a se tornar mais fácil, reafirmando o caráter recursivo das línguas em geral. Os autores terminam provocativamente sugerindo que provavelmente a aparente ausência de recursividade do Pirahã é um resultado falso negativo, por falta de investigação mais aprofundada da língua.

O sexto artigo, de Carlos A. Gonçalves, *Prosódia e morfologia: uma parceria que deu certo*, é um artigo que tem uma finalidade didática muito bem vinda no da homenagem ao Prof. Moraes, que tem um grande apreço pelo ensino. O autor ilustra como sílabas, pés e moras são usados na Morfologia Prosódica de McCarthy e Prince para apontar as vantagens da incorporação de estrutura prosódica na Morfologia. Processos flexionais e de formação de palavras são explicados nesse quadro teórico, incluindo também casos de truncamento e reduplicação silábica e de operações não concatenativas.

O sétimo artigo, de Luana Machado e Dinah Callou, *Sobre o alteamento das vogais pretônicas no português do Brasil: uma abordagem acústica*, examina diferenças acústicas entre as vogais altas pretônicas derivadas (e.g., c[u]mida) e não derivadas (e.g., t[u]cano) na fala carioca. As autoras demonstram, a partir de estudos sobre o espaço acústico, que as vogais derivadas anteriores e posteriores são em geral mais altas do que as não derivadas enquanto no que concerne a anteriorização, apenas as derivadas anteriores são estatisticamente mais anteriores do que as não derivadas. O resultado assinala então que as pretônicas altas derivadas são mais periféricas e próximas das tônicas do que as pretônicas não derivadas.

O oitavo artigo, de Regina F. Cruz, Benedita S. P. Borges, Albert Rilliard, Jany E. Q. Ferreira e Emanuel Fonte, *Análise acústica dos correlatos prosódicos do acento lexical do*

português brasileiro, avaliou os correlatos clássicos do acento lexical em frases isoladas do português de Belém do Pará. Os resultados para seis locutores confirma pesquisa anterior para outras variedades do português em relação ao papel primário da duração como parâmetro distintivo entre sílabas tônicas e átonas.

O nono artigo, de Maristela S. Pinto e Leticia Rebollo Couto, *Descrever, ouvir e didatizar a entoação de perguntas e ordens no espanhol do México, Caribe e de Castilha para aprendizes brasileiros*, propõe um programa para o ensino da entoação de três variedades do espanhol (europeu, mexicano e caribenho) para brasileiros, com foco na implementação da questão e da ordem. As etapas de ensino foram de tomada de consciência das diferenças, a descrição didática dessas diferenças na produção, a percepção orientada pelo professor, tarefas de imitação e de produção atenta. As autoras assinalam que, antes do treinamento, os três sujeitos, um por variedade de espanhol, transferiam os contornos entoacionais característicos de L1, fala carioca, para a produção do espanhol L2 nas três variedades estudadas. Depois de número suficiente de horas, cada sujeito foi capaz de apreender as principais características da entoação de ordem e de questão da variedade escolhida.

Não poderíamos esquecer de mencionar que, para o contato com ex-alunos e colaboradores do homenageado, contamos ainda com o entusiasmo da Profa. Leticia Rebollo Couto. A ela nosso profundo agradecimento. Boa leitura e longa e feliz vida ao nosso estimado colega João Antônio de Moraes com nossa manifestação de profunda gratidão.

Campinas, 26 de julho de 2017